

Violência de gênero no cotidiano de trabalho das profissionais do sexo: revisão integrativa

As profissionais do sexo não fogem ao contexto de violência gênero, uma vez que são um público em potencial tanto pela condição feminina quanto pelo preconceito e estigma que carregam pela profissão. Apresentar uma revisão integrativa da literatura científica sobre a violência contra as profissionais do sexo em seu cotidiano de trabalho no período de 2009 a 2018. Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica integrativa em bibliotecas eletrônicas científicas, por meio de descritores de saúde. Os descritores utilizados foram: prostituição, mulheres e violência. Os critérios de inclusão foram artigos de texto completo disponível na íntegra, publicados em periódicos nos idiomas português, inglês e espanhol, entre 2009 a 2018. Foram excluídos trabalhos que não se encaixavam nos critérios de elegibilidade. A tendência de publicações sobre violência no cotidiano de trabalho das profissionais do sexo nos anos de 2008 a 2019 prevaleceu o ano de 2012 com três publicações seguidas do ano de 2014 com duas. Foram encontradas quatro publicações no Brasil sobre o tema, duas na América do norte duas na Ásia e duas na África. O tipo de estudo mais utilizado nas pesquisas foi o tipo qualitativo abrangendo 40%. Quanto aos tipos de violências mais sofridas pelas profissionais do sexo, prevaleceram a violência física e sexual em 50% das publicações, em apenas um dos estudos a violência que prevaleceu foi a psicológica. A maioria dos atos violentos foram perpetrados por clientes, porém, não deixam de sofrer violência por parte de policiais e donos de bordéis. A pesquisa possibilitou identificar que a violência no cotidiano das profissionais do sexo é comum, uma vez que trabalham em lugares determinantes de atos violentos. Constatou-se que essas mulheres estão sujeitas a violências perpetradas por clientes, que entendem que o fato de estarem pagando pelo programa lhes dá o direito até mesmo de agredi-las.

Palavras-chave: Prostituição; Gênero; Enfermagem.

Gender violence in the daily work of sex workers: Integrative review

Sex workers do not escape the context of gender violence, since they are a potential audience both for the feminine condition and for the prejudice and stigma they carry through the profession. To present an integrative review of the scientific literature on violence against sex workers in their daily work period from 2009 to 2018. This is an integrative bibliographical review study in scientific electronic libraries, through descriptors. The descriptors used were: prostitution, women and violence. Inclusion criteria were full-text articles available in full, published in Portuguese, English and Spanish journals between 2009 and 2018. Works that did not fit the eligibility criteria were excluded. The trend of publications on violence in the daily work of sex workers in the years 2008 to 2019 prevailed the year of 2012 with three publications followed of the year 2014 with two. Four publications were found in Brazil on the subject, two in North America two in Asia and two in Africa. The type of study most used in the research was the qualitative type covering 40%. As for the types of violence most suffered by sex workers, physical and sexual violence prevailed in 50% of the publications, in only one of the studies the prevalence of violence was psychological. Most of the violent acts were perpetrated by clients, however, they do not cease to suffer violence by policemen and brothel owners. The research made it possible to identify that violence in the daily life of sex workers is common, since they work in places that determine violent acts. It has been found that these women are subject to violence perpetrated by clients, who understand that being paid for the program gives them even the right to assault them.

Keywords: Prostitution; Gender; Violence.

Topic: **Enfermagem Geral**

Received: **10/09/2021**

Approved: **15/12/2021**

Reviewed anonymously in the process of blind peer.

Leticia Ederwas Souza de Miranda 
Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/6165330673494294>
<https://orcid.org/0000-0001-6567-8486>
leticia_ederwas@hotmail.com

Cynthia Silva Santos 
Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/8258591250136270>
<https://orcid.org/0000-0001-9372-0813>
cynthia.silva@unemat.br

Noely Machado Vieira 
Universidade Cesumar, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/4720289798017017>
<https://orcid.org/0000-0002-3705-7006>
noelyenf@outlook.com

Danyella Rodrigues de Almeida 
Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/6285168230103784>
<https://orcid.org/0000-0003-1181-9321>
dannypirelli@hotmail.com

Bianca Teshima de Alencar 
Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/9101535074774508>
<http://orcid.org/0000-0001-6812-3494>
biateshima@hotmail.com



DOI: 10.6008/CBPC2674-6506.2022.001.0001

Referencing this:

MIRANDA, L. E. S.; SANTOS, C. S.; VIEIRA, N. M.; ALMEIDA, D. R.; ALENCAR, B. T.. Violência de gênero no cotidiano de trabalho das profissionais do sexo: revisão integrativa. **Health of Humans**, v.4, n.1, p.1-13, 2022. DOI: <http://doi.org/10.6008/CBPC2674-6506.2022.001.0001>

INTRODUÇÃO

A violência é um flagrante de violação dos direitos humanos, repercutindo de forma significativa na saúde das pessoas que são a ela submetidas, configurando um relevante problema de saúde pública e um desafio para os gestores do Sistema Único de Saúde – SUS (BRASIL, 2002).

Segundo o IPEA (2018), a morbimortalidade por causas externas (violências e acidentes) tem sido um desafio para a saúde pública a nível mundial, pois tem reduzido a expectativa e qualidade de vida da população, chegando a ocupar em 2010 a terceira posição das mortes da população total e a primeira posição entre óbitos de adolescentes e adultos jovens (de 10 a 39 anos). Desde 2011, as notificações de violências interpessoais e autoprovocada passaram a ser compulsória em todos os serviços de saúde, sejam eles públicos ou privados, tendo um aumento anual, passando de 107.464 casos em 2011, para 242.241 em 2015. Entre os tipos de violências mais notificadas, encontram-se a violência física (64,8%), psicológica (25,7%), negligenciada (11,6%) e a sexual (11,3%) (BRASIL, 2016).

Considera-se como violência de gênero qualquer ato que venha resultar em sofrimento ou dano físico, sexual ou psicológico à mulher, incluindo ameaças, privação arbitrária de liberdade, assim como maus-tratos, agressão sexual e incesta (KRUG et al., 2002). O sistema de gênero é uma construção histórica e sociocultural, que atribui papéis e comportamentos sexuais, de homens ligados à força, racionalidade e dominação e de mulheres ligados à fragilidade, passividade e submissão, como se esses fossem atributos biológicos e naturais (BRASIL, 2012).

Essa temática passou a ter notoriedade na década de 90, a partir de movimentos feministas que surgiram no século XX, nos quais reivindicavam por igualdades de direitos sociais, políticos e reprodutivos. Segundo Rago (1991), isso se deu em virtude do impasse teórico da época, que questionava a lógica da identidade do sujeito. Passando assim a pensar na construção social das diferenças sexuais, negando o determinismo natural e biológico.

Em nosso cotidiano atualmente temos inúmeros casos de violência contra a mulher, e que vem aumentando com o passar dos anos com as mulheres de famílias, com as donas de casa, porém esqueceu-se que é comum à ocorrência de violência no cotidiano de trabalho das mulheres prostitutas (PENHA et al., 2012).

A economia do prazer tem sido um cenário de vulnerabilidades e riscos, pois a mulher sendo profissional do sexo não foge ao contexto de violência construída historicamente, visto que para a sociedade elas exercem um ato ilícito e moralmente reprovável, expondo-se a uma violência ainda maior pelo ambiente que atuam, estando sujeitas a agressões arbitrárias e que precisam ser registradas nos serviços de saúde (BRASIL, 2012).

A prostituição existe desde épocas remotas da antiguidade permanecendo no contexto social até os dias de hoje em vários lugares do mundo, é uma construção histórica, que foi modificada a cada época, sendo legalizada em alguns países por ser entendida como parte da estrutura social (ROBERTS, 1998).

Na década de 80 surgiram movimentos de prostitutas em todo o mundo, em busca de uma maior

articulação entre elas. Em 1986 duas prostitutas Gabriela Leite e Lourdes Barreto uniram forças e criaram a primeira rede de Brasileiras Prostitutas, com objetivo de implementar programas de saúde, ações contra violências, lutando pela dignidade e resgate da autoestima das profissionais do sexo (BRASIL, 1996).

Chaumont (2007) relata que as trabalhadoras do sexo são exemplos de paradoxos embutidos na definição de “vítimas”, evidenciando que ainda existe a ligação entre elas e a mulher de imagem vitoriana, pura e indefesa, porém, existem mulheres que realizam essa prática de forma voluntária. Para Kempadoo (2005) o problema que envolve a atividade das profissionais do sexo, está nas péssimas condições de trabalho, que acabam gerando discriminações e preconceitos contra as mesmas.

Nota-se, portanto, que há necessidade de se atentar para a relevância deste fenômeno, pois as profissionais do sexo são um público em potencial tanto por sua condição feminina quanto pelo estigma que carrega pela profissão (SILVA, et al., 2016). Sendo necessário que a assistência do cuidado para com essas mulheres seja de forma mais humanizada, cabendo ao profissional enfermeiro (a) identificar e compreender os sinais de violências, tendo um olhar não apenas para as questões biológicas, mas também para um ser subjetivo, com suas singularidades (ARBOIT, et al., 2014).

Nesta premissa, este trabalho teve por finalidade apresentar uma revisão integrativa da literatura científica sobre a violência contra as profissionais do sexo em seu cotidiano de trabalho no período de 2009 a 2018.

MATERIAIS E MÉTODOS

Desenho do estudo

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica integrativa em base de dados eletrônicos científicos, por meio de descritores, referentes à violência contra as profissionais do sexo em seu cotidiano de trabalho entre os anos 2009 a 2018.

Bases de dados eletrônicas

A pesquisa bibliográfica foi conduzida nas seguintes bases de dados eletrônicas: Base de dados de enfermagem – BDNF; *Scientific Electronic Library Online* - SciELO; *Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde* - LILACS; e *U.S. National Library of Medicine* – PubMed.

Estratégia de busca

As buscas foram conduzidas através de descritores catalogados no Descritor em Ciências da Saúde – DeCS em português, inglês e espanhol, contidos no título, resumo e assunto. Foi utilizado o operador booleano “AND”. A combinação de termos que foram utilizados juntos ou separados nas respectivas bases de dados (BDNF, SciELO, LILACS e PubMed) foram: Prostituição (*Prostitution*); Mulheres (*Women*); Violência (*Violence*).

Critérios de Inclusão e exclusão das publicações

Os critérios de inclusão foram serem artigos de texto disponível na íntegra, nos idiomas português, inglês e espanhol, publicados entre 2009 a 2018, indexados em uma das bases citadas, que não fossem revisão bibliográfica. Foram excluídos os trabalhos duplicados, resumos e os que não abordavam a violência contra as profissionais do sexo.

Seleção e análise das publicações

Foi elaborado para a seleção dos artigos, um formulário com as seguintes informações: autor e ano, título, unidade federativa, cidade e área da pesquisa, desenho do estudo, objetivo e principais resultados. Inicialmente, foi realizado o levantamento de todos os artigos encontrados com termos propostos e dentro dos limites apresentados nos títulos e palavras descritoras. Em seguida, foram retirados trabalhos duplicados que foram recuperados em mais de uma base de dados. Após esta triagem, foram lidos os resumos de todos os artigos restantes, para a seleção daqueles que seriam lidos em sua forma completa. Após a leitura dos artigos completos, alguns foram retirados da seleção final por não se adequarem aos critérios de inclusão. Os resultados obtidos foram organizados e apresentados (Figura 1). Para classificação das violências que acometem as profissionais do sexo, os diferentes tipos de violências foram agrupados em grupos específicos de violência (Quadro 1). Para o quadro de violências foi realizado o agrupamento dos tipos de violências descritas em cada artigo selecionado.

Quadro 1: Classificação das violências encontradas nos relatos das profissionais do sexo.

Grupo	Violências relatadas
Violência física	Bateu (com punho, usando objetos) empurrou, arrastou, espancou, chutou, sufocou, puxou cabelo, braço, feriu com arma de fogo, tocou de forma indesejada nos seios e nádegas, negociação de preservativo.
Violência sexual	Forçou a fazer sexo anal e/ou oral, estupro, gravidez indesejada.
Violência psicológica	Ameaças, coação, insultos, xingamentos, abuso verbal.
Violência econômica	Exploração financeira por donos de bordéis e policiais

RESULTADOS

Foram encontradas 63 publicações utilizando os descritores, sendo 7 na BDEF, 22 na SciELO, 34 na LILACS e na PubMed 982. Após a primeira revisão foram selecionadas 325 publicações. Com a aplicação dos critérios de elegibilidade (inclusão e exclusão) das 325 publicações selecionadas, 10 foram selecionados para a análise (figura 1).

A tendência de publicações sobre violência no cotidiano de trabalho das profissionais do sexo nos anos de 2008 a 2019 prevaleceu o ano de 2012 com três (3) publicações seguidas do ano de 2014 com duas (2), mantendo os anos de 2009, 2010, 2015, 2017 e 2018 com apenas uma (1) publicação em cada ano (Figura 2).

Foram encontradas quatro (4) publicações no Brasil sobre o tema, na América do Norte duas (2) publicações sendo uma no Canadá e a outra no México, duas (2) publicações na Ásia sendo uma no Camboja e a outra na Turquia e duas (2) na África sendo uma na Nigéria e a outra na Tanzânia entre anos de 2009 a

2018 (Figura 3).

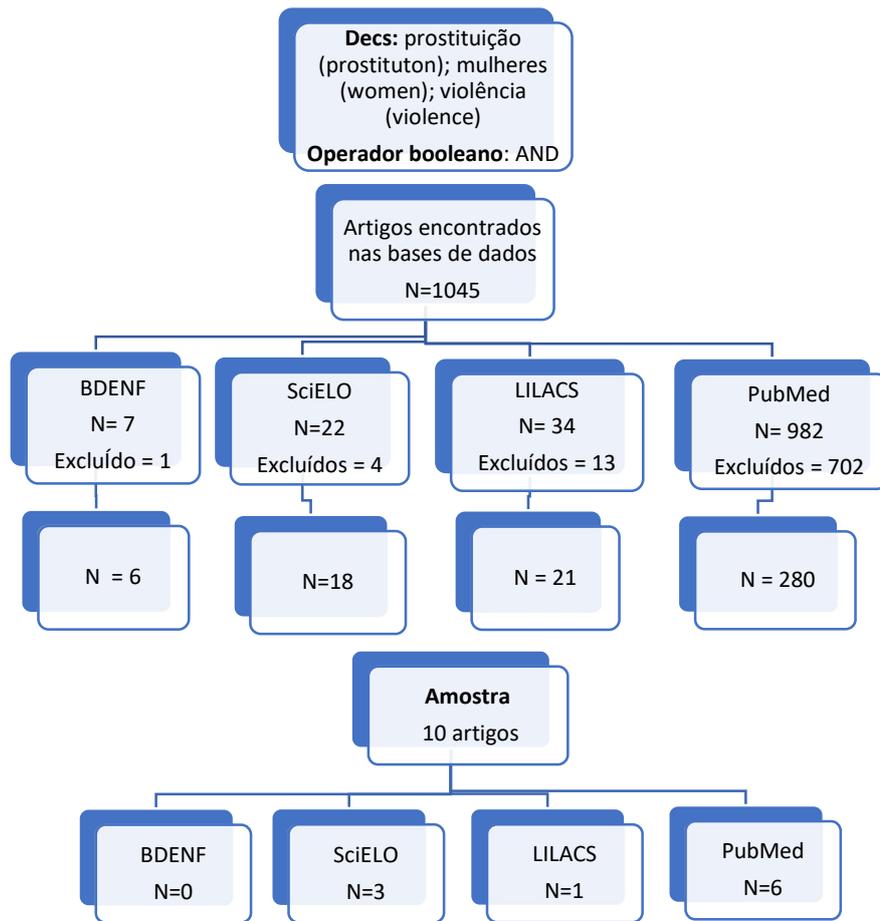


Figura 1: Resultado da pesquisa nas bases de dados científicas, Cáceres - MT, 2019.

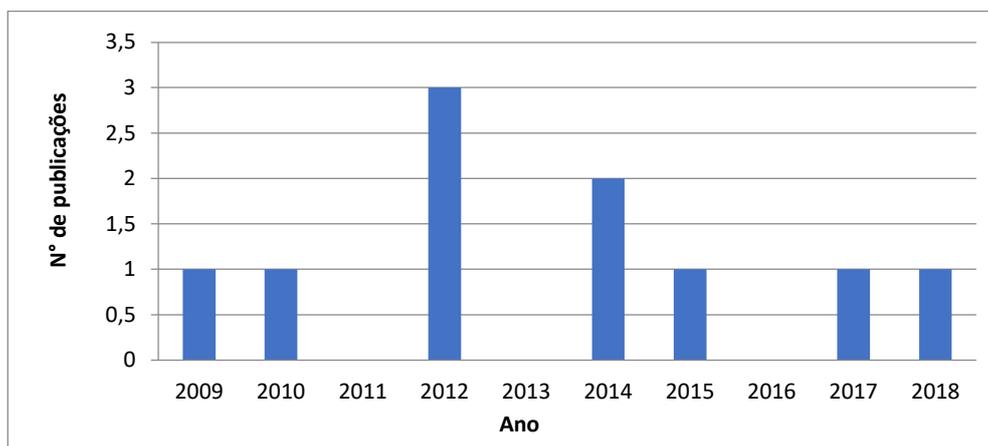


Figura 2: Número de publicações de violência no cotidiano de trabalho das profissionais do sexo, 2009 a 2018.

Quanto à classificação Qualis em enfermagem, no quadriênio 2013 a 2016 das publicações selecionadas, é predominante a classificação A2 e B2 com 30%, seguida pela classificação B3 com 20%, A1 e B4 com 10% (Figura 4).

No que concerne às publicações de violência contra as profissionais do sexo, o tipo de estudo mais utilizado nas pesquisas foi o tipo qualitativo abrangendo 40% do total das pesquisas, o menor tempo de estudo foi dois meses e o maior tempo de estudos foi 24 meses. O total de participantes foi de 1.621, média

de 162,1 participantes (mínimo de 6 e máximo de 496). A faixa etária predominante das participantes do estudo são de 25 a 32 anos (Quadro 2).

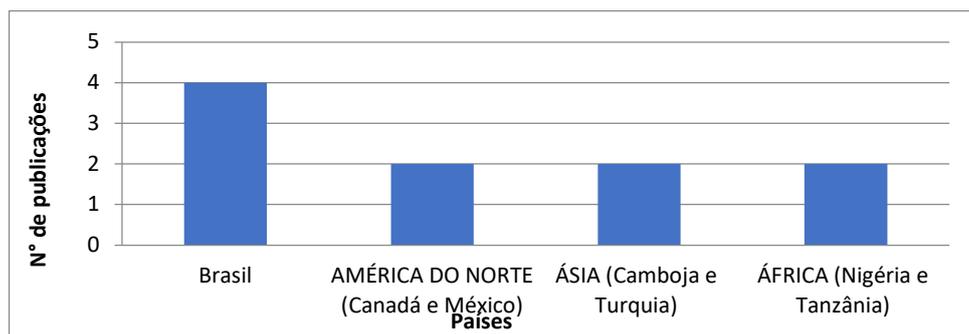


Figura 3: Número de publicações por países de violência no cotidiano de trabalho das profissionais do sexo, 2009 a 2018.

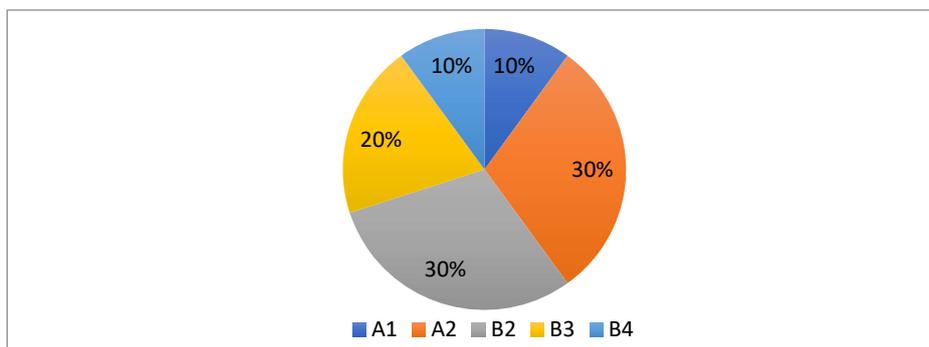


Figura 4: Percentual das publicações de violência no cotidiano das profissionais do sexo por Qualis em Enfermagem (quadriênio 2013 a 2016) dos estudos selecionados.

Os estudos revelam que a ocorrência de violência no cotidiano de trabalho das profissionais do sexo é comum. Quanto aos tipos de violências mais sofridas pelas profissionais do sexo, prevaleceram a violência física e sexual em 50% das publicações, em apenas um (1) dos estudos a violência que prevaleceu foi a psicológica. Os estudos revelam que os atos violentos foram perpetrados por clientes.

Quadro 2: Publicações que apresentam violência no cotidiano de trabalho das profissionais do sexo classificadas por autor, ano de publicação, título, local da pesquisa, tipo de estudo, tempo de estudo, número de participantes, média de idade, conclusão do artigo e base de dados da pesquisa.

Autor e ano		Título do estudo	Local da pesquisa	Tipo e estudo Tempo de estudo	Nº amostra Média de idade	Conclusão do estudo	Base de dados
1	Hendrickson et al. (2018)	<i>Work-related mobility and experiences of gender-based violence among female sex workers in Iringa, Tanzania: a cross-sectional analysis of baseline data from Project Shikamana</i> TRADUZIR	Iringa-Tanzânia	Análise transversal método quantitativo. 7 meses (outubro de 2015 a abril de 2016)	496 profissionais do sexo Média de 27 anos	O estudo aponta que 40% das profissionais do sexo participantes da pesquisa sofreram violência física e sexual e que 30% sofreram o mesmo tipo de violência, porém, de forma grave. Segundo o estudo a mobilidade para o trabalho sexual realizado por profissionais do sexo pode aumentar à exposição das mesmas a violência de gênero, podendo esta, ser de forma particularmente mais grave.	PubMed

2	Moret et al. (2016)	<i>The impact of violence on sex risk and drug use behaviors among women engaged in sex work in Phnom Penh, Cambodia</i> TRADUZIR	Phnom Penh-Camboja	Observacional de coorte. 12 meses (agosto 2009 a agosto 2010)	220 profissionais do sexo Média de 26 anos	Conforme revela o estudo, a violência física e sexual é prevalente entre as profissionais do sexo no Camboja, quase metade das mulheres (48%) sofreu alguma forma de violência física ou sexual nos 12 meses, sendo que 35% foram de violência física moderada, 21% de violência física grave e 27% de violência sexual. Segundo dados do estudo a violência está associada a comportamentos sexuais subsequentes de risco e uso de drogas.	PubMed
3	Silva et al. (2015)	Sentidos do trabalho apreendidos por meio de fatos marcantes na trajetória de mulheres prostitutas	Minas Gerais	Qualitativo.	6 prostitutas	No estudo, houve relatos de prostitutas que indicaram sentidos relacionados a aspectos negativos do trabalho na prostituição, como: violência, abandono, aborto induzido, preconceito, desconfiança, humilhação discriminação, medo, solidão e insegurança. O estudo apresentou diversos trechos de relatos sobre violência, horas sofrido pela própria participante, horas por colegas de trabalho, esses atos violentos sempre partiram dos clientes. Foi expresso nos relatos, tanto violência física, quanto sexual e psicológica.	SciELO
4	Cepeda et al. (2014)	<i>A Border Context of Violence: Mexican Female Sex Workers on the U.S.-Mexico Border</i> TRAUZIR	Juarez e Nuevo Laredo-fronteira EUA-México	Quantitativo e qualitativo.	109 profissionais do sexo Média 27 a 30 anos	O estudo relata que mais da metade das mulheres (61%) sofreram algum tipo de violência no curso de sua carreira no trabalho sexual, por seus clientes. Embora todas as profissionais do estudo tenham sido agredidas fisicamente, a extensão da agressão varia. Algumas mulheres aceitaram a violência e o abuso a que foram submetidas como parte do trabalho. Além de sofrerem violência por parte de clientes, sofrem por violência e exploração por proprietários de bar e policiais.	PubMed
5	Olufunmilay et al. (2014)	<i>Prevalence and correlates of violence against female sex workers in Abuja, Nigeria</i> TRADUZIR	Abuja-Nigéria	Análise transversal de método quanti e qualitativo. 3 meses (abril a junho de 2009)	305 profissionais do sexo Média de 25 a 29 anos	O estudo documenta a prevalência e os tipos de violência sofridos pelas profissionais do sexo em Abuja, Nigéria, sendo que o tipo mais comum é a sexual (41,9%), seguido da violência econômica (37,7%), física (35,7%) e psicológica (31,9%). Também identifica os fatores de risco dos diferentes tipos de violência como: o nível de conhecimento sobre os tipos de violências e seus direitos, e que os principais perpetradores desses atos são os próprios clientes.	PubMed
6	Moreira et al. (2012)	A violência no cotidiano da prostituição: invisibilidades e ambiguidades	Terezinha-PI	Qualitativo. 2 meses (abril a maio 2009)	11 prostitutas	O estudo possibilitou desvelar o sentido da violência no cotidiano da prostituição, retratando a presença de violência de gênero nas formas física, sexual, moral e psicológica. Essa atividade é percebida como espaço de sofrimento e verbalizada pela maioria das participantes como perigosa. Algumas deixam claro que diante das dificuldades, das agressões e do desrespeito	SciELO

						vivenciados no mundo circundante, gostariam de exercer outra atividade, mas, por falta de qualificação, não visualizam possibilidades, sendo obrigadas a permanecer na atividade de prostituta.	
7	Penha et al. (2012)	Caracterização da violência física sofrida por prostitutas do interior piauiense	Picos-PI	Descritivo-exploratório, com abordagem quantitativa. 2 meses (setembro a outubro 2010)	76 prostitutas Média de 20 a 30 anos	Os resultados foram esclarecedores e levaram a afirmar que é comum a ocorrência de violência em mulheres prostitutas, já que trabalham em lugares determinantes de atos violentos. Ressalta que embora a violência física esteja presente em partes na realidade das mulheres, a prevalência é de violência psicológica.	SciELO
8	Odabaşı et al. (2012)	<i>The Experiences of Violence and Occupational Health Risks of Sex Workers Working in Brothels in Ankara</i> TRADUZIR	Ancara-Turquia	Qualitativo. 5 meses (abril a agosto de 2017)	138 profissionais do sexo Média 31 a 40 anos	Segundo os dados da pesquisa, as profissionais do sexo incluídas no estudo são vulneráveis à violência verbal, física e à agressão sexual, e que já sofreram diferentes tipos de violência como: danos físicos e psicológicos. Os dados revelam que 70,3% das mulheres foram expostas a violência física e verbal, 10% das mulheres sofreram agressão sexual durante o trabalho. O estudo também aponta que a educação insuficiente é um dos fatores mais importantes que predispõem o trabalho sexual além dos abusos físicos e sexuais na infância.	PubMed
9	Silva et al. (2010)	O trabalho das profissionais do sexo em diferentes lócus de prostituição da cidade	Campina Grande- PB	Qualitativo.	23 profissionais do sexo Média de 27 a 33.5 anos	Os dados da pesquisa demonstram realidades diferentes das profissionais do sexo, porém, quando se trata de violência, ela é constante no trabalho de todas que participaram da pesquisa, tanto a violência física quanto sexual, social e psicológica.	LILACS
10	Shannon et al. (2009)	<i>Prevalence and structural correlates of gender based violence among A prospective Cohort Of female sex workers</i> TRADUZIR	Vancouver-Canadá.	Observacional prospectivo. 24 meses (2006 a 2008)	237 profissionais do sexo	O estudo revela em seus resultados uma prevalência alarmante de violência baseada em gênero entre uma amostra de prostitutas de rua, sendo que uns totais de 57% das mulheres sofreram violência pelo menos uma vez durante os 18 meses de seguimento, com 38% relatando violência física, 25% violência sexual ou estupro. Segundo as profissionais do sexo 30% das violências foram perpetradas por clientes.	PubMed

DISCUSSÃO

Os resultados da classificação das violências encontradas nos relatos das profissionais do sexo do estudo corroboram com os achados de Ximenes et al. (2007), que ressaltam que as profissionais podem ser agredidas fisicamente com empurrões, “porradas”, espancamentos, queimaduras, uso de armas dentre outros atos violentos, e que na hipótese de violência sexual, as profissionais são obrigadas ou ameaçadas a ter relações sexuais contra sua própria vontade, sendo muitas vezes obrigadas a fazer sexo anal e/ou oral sem uso de preservativo e que no caso de violência psicológica são ameaçadas, humilhadas e insultadas pelo agressor.

Os perpetuadores dos atos buscam exercer sua superioridade por meio do abuso, da força e de diversas outras formas de violência (GEHLEN et al., 2018), muitos clientes sentem-se no direito de violentar as prostitutas, pelo fato de estarem pagando pelo serviço (BURBULHAN et al., 2012; ARBOIT et al., 2014).

Em relação a localização dos estudos, foi exposto que a maioria das publicações foi no Brasil, uma das hipóteses para esse fato é que existem redes e associações de profissionais do sexo em alguns estados brasileiros que nasceram após o II Encontro Nacional de Prostitutas (BARRETO, 1995; LEITE, 1995), que podem ter possibilitado e impulsionado a elaboração de pesquisas com esse público em questão, que sofrem por estigma e variadas formas de violência, e a outra hipótese é que após a inclusão da atividade na legislação do Ministério do Trabalho, houve um avanço evidente no modo como as políticas públicas brasileiras tem tratado o tema da prostituição (RODRIGUES, 2009).

Quanto a classificação Qualis das publicações, em nosso estudo houve à presença de publicações brasileiras e internacionais em revistas de Qualis A, sendo as demais publicações em revistas de classificação B, o que significa ser de qualidade acadêmica mediana, isso talvez ocorra pelo fato das profissionais do sexo fazerem parte de um grupo que são considerados minorias sociais, não pelo quesito quantitativo, mais sim pela condição de marginalização e discriminação que vivem (HERNANDEZ et al., 2013). Os indivíduos expressam o preconceito de modo velado, enraizados em suas estruturas mentais (MAIA et al., 2017 apud CAMINO et al., 2004) esse talvez seja um dos motivos para a pouca valorização dos trabalhos, sendo considerados como qualidade mediana em potencial de relevância para divulgação.

No que concerne ao tipo de estudo, a maioria (50%) dos estudos encontrados foram qualitativos, Minayo (2011) elucida que o estudo possibilita compreender os fenômenos que envolvem os seres humanos através de crenças, valores, aspirações, motivos e atitudes que correspondam à amplidão das relações em diversos ambientes. Burbulhan et al. (2012) salienta que faz emergir novos significados, além das relações e comportamentos que não seriam observados de outra forma como com a simples aplicação de um questionário, ou seja, esse tipo de estudo possibilitou uma relação empática na obtenção dos relatos das mulheres através de suas vivências, sendo fundamental para compreensão do vivido da violência no cotidiano da prostituição.

A faixa etária predominante das participantes dos estudos analisados é de 25 a 32 anos, diferente dos dados encontrados no estudo de Salmeron et al. (2012) que variam de 21 a 30 anos, já em contrapartida Hanada et al. (2010) encontraram em seu estudo idades que variam de 18 a 29 anos.

Entende-se que cada mulher possui motivos específicos para justificar sua entrada no trabalho sexual, sejam eles: estar desempregada, almejar ser dependente, quem sabe, sair da casa dos pais, necessitar manter filhos ou outrem, e até mesmo buscar por um *status* social. (CORRÊA et al., 2012). Molina et al. (2005) elucidam que a crise econômica e social é uma das principais causas para a entrada dessas mulheres na prostituição, uma vez que encontram a possibilidade de geração de renda rápida e suficiente para manter-se. Vê-se, portanto na prostituição uma estratégia de sobrevivência que muitas mulheres encontram para satisfazer muitas vezes, suas necessidades mais básicas como alimentação e moradia.

No estudo observou-se que o número de profissionais do sexo que possuem baixo nível de

escolaridade é maior no Brasil que nos outros países, sendo um fator importante que predispõem o trabalho sexual (GEHLEN et al., 2018; LEAL et al., 2017; LEITÃO et al., 2012), ou seja, é um problema determinante, uma vez que a falta e/ou experiência em outras áreas, bem como a escassez de vagas no mercado de trabalho, propicia o ingresso dessas mulheres na prostituição. (LEAL et al., 2017). Em alguns dos relatos essas mulheres expõem que gostariam de exercer outra atividade, mas, por falta de qualificação, não visualizam possibilidades, sendo obrigadas a permanecer na prostituição.

Nos estudos encontrados no Brasil verificou-se que essas mulheres são chamadas de “prostitutas” e não de profissionais do sexo, segundo Rodrigues (2009) os movimentos realizados no Brasil inicialmente adotaram a expressão “profissionais do sexo”, porém, algumas lideranças propugnaram o resgate do termo “prostituta” por entenderem que a terminologia adotada, de certa maneira, tenta mascarar o estigma que sempre perpassou a prostituição.

Já para Russo (2007) talvez exista uma relação variável, no sentido que o estigma não atinge todas as profissionais do sexo, sendo sua existência inversamente proporcional ao montante que lhes é pago pelo programa, quanto maior o valor pago menor o estigma e vice-versa. Apesar de já existir uma categoria para as profissionais do sexo na CBO, essas mulheres permanecem marginalizadas, estigmatizadas, sendo consideradas depravadas pela sociedade em geral. (BURBULHAN et al., 2012; RUSSO, 2007).

Quando aos tipos de violências encontradas em nosso estudo, prevaleceram a violência física e sexual em 50% das publicações, apenas em um dos estudos prevaleceu a violência psicológica, já no estudo de Ximenes et al. (2007) a ocorrência de violência física foi de 30%, sexual 12,5% e psicológica 10%, porém no estudo de Leal et al. (2017) a violência que mais prevaleceu foi a psicológica com 60,5% seguida de violência física com 30,2%.

Os dados demonstram em números a porcentagem dos tipos de violências mais prevalentes, porém independente das prevalências os estudos são claros em demonstrar que a violência é uma constante no cotidiano de trabalhos das profissionais do sexo independentes dos tipos e formas de agressões.

Alguns das publicações do estudo ressaltaram que as mulheres que trabalham na rua, sofrem violências de formas mais graves, corroborando com o estudo de Hanada et al. (2010), no qual constataram que 57% das profissionais do sexo de rua no Canadá sofreram violência por atender a clientes em carros ou espaços públicos, ou até mesmo por se deslocar para áreas longe das ruas principais em razão do policiamento e do uso de drogas, entre outros motivos, deixando-as mais vulneráveis a violência graves.

Segundo dados de um dos estudos analisados a violência sofrida pelas profissionais do sexo está associada a comportamentos sexuais subsequentes de risco e uso de drogas, Leitão (2012) apresenta que o uso dessas substâncias é justificado por proporcionar a diminuição do sofrimento e o alívio da dor no cotidiano dessas mulheres.

Uma das limitações do estudo foi encontrar poucas publicações que abordassem a temática de violência no cotidiano de trabalho das profissionais do sexo e que se enquadrassem nos critérios de elegibilidade, todavia, mesmo com essa limitação, nas publicações encontradas, existem informações riquíssimas sobre o contexto de violência sofrido pelas profissionais do sexo, o quanto sofrem até hoje pelo

estigma e preconceito, violências que na maioria das vezes são silenciadas, por medo, por vergonha, violências perpetradas por clientes, policiais e até mesmo por donos de bordéis, cafetões e/ou cafetinas.

Os mais variados tipos de violências citadas e a distribuição dos estudos mostram que a violência contra as profissionais do sexo ocorre com frequência em seu cotidiano de trabalho, aumentando essa vulnerabilidade em relação às diferentes localidades de realização do trabalho sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou identificar as violências mais prevalentes no cotidiano das profissionais do sexo, o número das publicações e quais países apresentaram mais estudos sobre o tema, entre 2009 a 2018. As violências mais prevalentes citadas nos estudos entre 2009 a 2018 foram às violências físicas e sexuais. Quanto ao número de publicações, o Brasil foi o país que mais publicou estudos sobre o tema.

Considera-se necessário o incentivo de novos estudos sobre violência no cotidiano das profissionais do sexo, uma vez que, a violência em todas as suas formas e conjunturas necessita ser percebida como uma problemática de cunho social, sendo considerada preocupante a não procura dessas mulheres enquanto vítimas aos serviços policiais, jurídico e de saúde, seja por medo, vergonha ou até mesmo por recidiva de agressões, sendo de extrema importância a realização de ações de apoio por esses órgãos, com intuito de estimular/incentivar as profissionais do sexo a exercerem seus direitos e denunciarem os perpetradores dos atos violentos.

Conclui-se, portanto que as profissionais do sexo são um público de risco para diversos agravos relacionados à saúde, ou seja, os cuidados transcendem os aspectos físicos e sociais, sendo necessárias discussões acerca da qualidade de vida e saúde dessas mulheres, buscando garantir-lhes a manutenção de seus direitos, como também a proteção da saúde.

REFERÊNCIAS

ARBOIT, J.; HIRT, M. C.; GEHLEN, R. G. S.; BORTOLI, V. S.; COSTA, M. C.; SILVA, E. B.. Situações de vulnerabilidade à violência de mulheres profissionais do sexo: interfaces no campo da saúde. *Rev Enferm UFPE*, Recife, v.8, p.3784-3790, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5205/reuol.4597-37683-1-ED.0810supl201426>.

BRASIL. **Nota**: Estupros em mulheres. Brasília: MS, 2016.

BRASIL. **Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes**: norma técnica. Brasília: MS, 2012.

BRASIL. **Violência intrafamiliar**: orientações para prática em serviço. Brasília: MS, 2002.

BRASIL. **Manual do Multiplicador**: Profissional do Sexo. Brasília: MS, 1996.

BARRETO, L.. Todos calam, nós falamos. In: COMITÊ LATINO AMERICANO E DO CARIBE PARA A DEFESA DOS DIREITOS DA MULHER. **Anais**. São Paulo, 1995.

BURBULHAN, F.; GUIMARÃES, R. M.; BRUNS, M. A. T..

Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes. *Psicologia em Estudo*, v.17, n. 4, 2012.

CEPEDA, A; NOWOTNY, K. M.. A border context of violence: Mexican female sex workers on the US–Mexico border. *Violence against women*, v.20, n.12, p.1506-1531, 2014.

IPEA. **Atlas da Violência 2018**. Rio de Janeiro, 2018.

CORRÊA, W. H; HOLANDA, A. F.. Prostituição e sentido de vida: relações de significado. *Psico-USF*, v.17, n.3, p.427-435, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712012000300009>.

CHAUMONT, J. M.. Celles qui ne voulaient plus etre des victimes. *Revue Suisse d'Historie*, v.57, n.1, p.1-13, 2007.

GEHLEN, R. G. S.; COSTA, M. C.; ARBOIT, J.; SILVA, E. B.. Situações de vulnerabilidade a violência vivenciadas por mulheres profissionais do sexo: estudo de caso. *Ciência y enfermería*, v.24, n.8, 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/s0717-95532018000100208>.

HANADA, H.; OLIVEIRA, A. F. P. L.; SCHARAIBER, L. B.. Os

psicólogos na rede de assistência a mulheres em situação de violência. **Estudos feministas**, Florianópolis, v.18, n.1, p.33-59, 2010.

HENDRICKSON, Z. M.; LEDDY, A. M.; GALAI, N.; MBWAMBO, J. K.; LIKINDIKOKI, S.; KERRIGAN, D. L.. WORK-related mobility and experiences of gender-based violence among female sex workers in Iringa, Tanzania: a cross-sectional analysis of baseline data from Project Shikamana. **BMJ open**, v.8, n.9, 2018.

HERNANDEZ, A. R. C.; ACCORSSI, A.; GUARESCHI, P.. Psicologia das minorias ativas: por uma psicologia política dissidente. **Rev psicol polít**, São Paulo, v.13, n.27, p.383-387, 2013.

KEMPADOO, K.. Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres. **Cadernos Pagu**, n.25, p.55-78, 2005.

KRUG, E. G.; DAHLBERG, L. L.; MERCY, J. A.; ZWI, A. B.; LOZANO, R.. **World report on violence and health**. Geneva: World Health Organization, 2002.

LEAL, C. B. M.; SOUZA, D. A.; RIOS, M. A. Aspectos de vida e saúde das profissionais do sexo. **Rev Enferm UFPE online**, v.11, n.11, p.4483-4491, 2017.

LEITE, G. S.. **Prostituição: máscaras antigas, nova cidadania**. In: COMITÊ LATINO AMERICANO E DO CARIBE PARA A DEFESA DOS DIREITOS DA MULHER. **Anais**. São Paulo, 1995.

LEITÃO, E. F.; COSTA, L. L. S.; BRÊDA, M. Z. B.; ALBUQUERQUE, M. C. S.; JORGE, J. S.. A prática cotidiana de saúde das profissionais do sexo. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v.25, n.3, p.295-304, 2012.

MAIA, L. M.; OLIVEIRA, I. A.; LIMA, L. B. P.; PARENTE, P. O.; SILVA, L. S.. Minorias no contexto de trabalho: uma análise das representações sociais de estudantes universitários. **Psicologia e Saber Social**, v.6, n.2, p.223-242, 2017.

MINAYO, M. C. S.. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes limitada, 2011.

MOLINA, A. M. R.; KODATO, S.. Trajetória de vida e representações sociais acerca da prostituição juvenil segundo suas participantes. **Temas em Psicologia**, v.13, n.1, p.9-17, 2005.

MOREIRA, I. C. C.; MONTEIRO, C. F. S.. A violência no cotidiano da prostituição: invisibilidades e ambiguidades. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.20, n.5, p.954-960, 2012.

MORET, J. E. D.; DRAUGHON MORET, J. E.; CARRICO, A. W.; EVANS, J. L.; STEIN, E. S.; COUTURE, M. C.; MAHER, L.; PAGE, K.. The impact of violence on sex risk and drug use behaviors among women engaged in sex work in Phnom Penh, Cambodia. **Drug and alcohol dependence**, v.161, p.171-177, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2016.01.028>.

ODABAŞI, A. B.; SAHINOGLU, S.; GENÇ, Y.; BILGE, Y.. The experiences of violence and occupational health risks of sex workers working in brothels in Ankara. **Balkan medical journal**, v.29, n.2, p.153, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5152/balkanmedj.2011.018>.

OLUFUNMILAYO, F. I.; ABOSEDE, D. T.. Prevalence and correlates of violence against female sex workers in Abuja, Nigeria. **African health sciences**, v.14, n.2, p.299-313, 2014.

PENHA, J. C.; CAVALCANTI, S. D. C.; CARVALHO, S. B.; AQUINO, P. S.; GALIZA, D. D. F.; PINHEIRO, A. K. B.. Caracterização da violência física sofrida por prostitutas do interior piauiense. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v.65, n.6, p.984-990, 2012.

RAGO, M.. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROBERTS, N.. **As prostitutas na história**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1998.

RODRIGUES, M. T.. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer?. **Rev Katál**, Florianópolis, v.12, n.1, p.68-76, 2009.

RUSSO, G.. No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. **Caderno CRH**, v.20, n.51, p.497-515, 2007.

SALMERON, N. A.; PESSOA, T. A. M.. Profissionais do sexo: perfil socioepidemiológico e medidas de redução de danos. **Acta paulista de enfermagem**, v.25, n.4, 2012.

SILVA, E. F.; COSTA, D. B.; NASCIMENTO, J. U.. O trabalho das profissionais do sexo em diferentes lócus de prostituição da cidade. **Revista Psicologia-Teoria e Prática**, v.12, n.1, 2010.

SILVA, E. G.; LUCENA, K. D. T.; DEININGER, L. S. C.; COELHO, H. F. C.; WANDERLEY, B. M. S. P.; PEREIRA, A. J.. Violência de gênero sob o olhar das mulheres prostitutas. **Rev Enferm UFPE**, v.10, n.1, p.40-47, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5205/reuol.8423-73529-1-RV1001201606>.

SILVA K. A. T.; CAPPELLE, M. A. C.. Sentidos do trabalho apreendidos por meio de fatos marcantes na trajetória de mulheres prostitutas. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v.16, n.6, 2015.

SHANNON, K.; KERR, T.; STRATHDEE, S. A.; SHOVELLER, J.; MONTANER, J. S.; TYNDALL, M. W.. Prevalence and structural correlates of gender-based violence among a prospective cohort of female sex workers. **Bmj**, v.339, n.7718, p.442-445, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1136/bmj.b2939>.

XIMENES, F. R. G. N.; OLIVEIRA, J. S.; ROCHA, J.. Violência sofrida pelas profissionais do sexo durante seu trabalho e as atitudes tomadas após serem vitimadas. **Rev Min Enferm**, Ceará, v.11, n.3, p.248-253, 2007.

Todas as obras (artigos) publicadas serão tokenizadas, ou seja, terão um NFT equivalente armazenado e comercializado livremente na rede OpenSea (https://opensea.io/HUB_CBPC), onde a CBPC irá operacionalizar a transferência dos direitos materiais das publicações para os próprios autores ou quaisquer interessados em adquiri-los e fazer o uso que lhe for de interesse.



Os direitos comerciais deste artigo podem ser adquiridos pelos autores ou quaisquer interessados através da aquisição, para posterior comercialização ou guarda, do NFT (Non-Fungible Token) equivalente através do seguinte link na OpenSea (Ethereum).

The commercial rights of this article can be acquired by the authors or any interested parties through the acquisition, for later commercialization or storage, of the equivalent NFT (Non-Fungible Token) through the following link on OpenSea (Ethereum).



<https://opensea.io/assets/ethereum/0x495f947276749ce646f68ac8c248420045cb7b5e/44951876800440915849902480545070078646674086961356520679561157740631638933505>